

A GUERRA RUSSO-JAPONESA

*“É impossível não admirar a bravura e a atividade dos japoneses. (...) O ataque dos japoneses é uma sucessão contínua de ondas, e eles jamais afrouxam seus esforços, dia e noite”.*³¹

Alexei Kuropatkin, comandante russo

Até a segunda metade do século XIX, o Japão, berço de uma das mais antigas civilizações, manteve-se praticamente sem contato com o Ocidente. A estrutura da sociedade japonesa lembrava nitidamente a feudal que predominou no continente europeu na Idade Média. Líderes locais (daimios), respaldados por uma casta de combatentes profissionais (samurais), controlavam mercadores e camponeses, que compunham a maior parcela da população. Na cidade de Kioto, localizava-se a corte do imperador, que era apenas o líder simbólico da nação, já que o poder de fato era exercido por um supremo chefe militar (xogun).

Os únicos europeus autorizados a comercializar no Japão eram os holandeses, mesmo assim limitados ao porto de Nagasaki. Isso estava em desacordo com os interesses das principais nações ocidentais, que viam o arquipélago japonês como um local inexplorado, fonte segura de bons negócios. Os esforços diplomáticos ocidentais para que o Japão abrisse seus portos se mostraram infrutíferos.

Diante disso, em 1853, os Estados Unidos enviaram uma pequena frota, comandada pelo comodoro Matthew Perry, para intimidar o Japão. Ciente da inferioridade bélica de sua nação, o xogun, prudentemente, atendeu às reivindicações ocidentais, firmando tratados comerciais com diversos países. No entanto, as concessões do xogun desagradaram a muitos daimios, que se insubordinaram por motivos nacionalistas. Em meio à crise, o imperador Mutsu-Hito articulou um movimento vitorioso que, em 1868, o colocou como governante absoluto.

Era tarde, entretanto, para se voltar ao passado. Mutsu-Hito estava convencido de que o Japão precisava modernizar-se, caso quisesse manter-se independente. Sendo assim, o imperador japonês deu início a um programa de ocidentalização, conhecido como Renascimento Meiji (iluminado). As principais reformas consistiram na extinção do xogunato, no estabelecimento da igualdade jurídica, na implantação de indústrias estratégicas, no aperfeiçoamento do sistema educacional e na modernização das forças armadas. Para este objetivo, missões militares francesas e alemãs instruíram o Exército Japonês, conforme a doutrina militar ocidental.

³¹ apud **História em revista**: o mundo em armas, 1996, p. 114.

As reformas rapidamente surtiram os efeitos desejados. No final do século XIX, o Japão já havia progredido muito economicamente, tendo forças armadas bem estruturadas e adestradas. Entretanto, a florescente indústria necessitava de matérias-primas, muito escassas no arquipélago nipônico. Para resolver tal problema, os governantes voltaram sua atenção para a Coreia, país militarmente fraco, há muito sob influência chinesa, que possuía grandes reservas minerais.

Em 1894, ocorreu um conflito na Coreia entre uma facção pró-Japão e outra que representava os interesses da China. Esses dois países intervieram no conflito e se desentenderam, dando início à Guerra Sino-Japonesa. Com exército e marinha superiores, os japoneses venceram rapidamente. Pelo tratado de paz de Shimonoseki (1895), os chineses reconheceram a independência da Coreia, foram obrigados a pagar pesada indenização e cederam ao Japão a península de Liao Tung e as ilhas de Taiwan (Formosa). Os japoneses, por pressão de russos, franceses e alemães, desistiram de ocupar Liao Tung, mas consideraram tal fato uma humilhação a ser vingada.

No início do século XX, os interesses do Japão no extremo-oriental passaram a se conflitar com os do Império da Rússia, governado pelo autocrático czar Nicolau II. Ao contrário de outros estados europeus e mesmo do japonês, a Rússia, ao longo do século XIX, realizou poucos avanços nos campos cultural, político, social e econômico. A industrialização, por exemplo, só começara no final do século XIX, mesmo assim muito dependente de capitais externos. Paralelamente, os súditos do czar, de modo geral, viviam em péssimas condições, fato que gerava descontentamentos e um ambiente propício a revoltas. Em contrapartida, o território se expandira enormemente em direção ao Extremo-Oriente, onde o czar cobiçava a Manchúria (território chinês) e a Coreia.

Em 1898, os chineses consentiram que os russos estendessem pela Manchúria a estrada de ferro transiberiana, que ligava Moscou a Vladivostok. Além disso, alugaram Liao Tung para a Rússia por vinte e cinco anos. Tais atos fortaleceram a presença russa na região e desagradaram o governo japonês.

No ano de 1904, o governo japonês propôs um acordo aos russos, pelo qual ambos deveriam se comprometer com a manutenção da integridade da China e da Coreia; ficando a Manchúria sob influência da Rússia e a Coreia sob controle do Japão. Os russos não levaram em conta a proposta japonesa e reforçaram suas tropas no Extremo-Oriente.

A CHINA

A Civilização Chinesa remonta ao IV milênio a.C. Por muito tempo, os chineses sobrepujaram o resto do mundo nos campos da arte e da ciência.

No final do século XIX, entretanto, o Império Chinês estava tecnologicamente defasado em relação às principais potências mundiais, o que possibilitou a estas dividirem o território chinês em áreas de influência.

A derrota na guerra contra o Japão em 1895 e rebeliões internas terminaram por solapar a autoridade imperial, sendo proclamada uma república na China em 1911.

Diante dos fatos, os japoneses, após conseguirem a neutralidade da Inglaterra e da China (que também tinham interesses na região), optaram pela guerra. Para vencê-la, adotaram o plano de ocupar a Coreia com o exército e derrotar as forças russas que se encontravam na Manchúria. Enquanto isso, a marinha controlaria áreas marítimas fundamentais para o estabelecimento de rotas capazes de suprir e reforçar as tropas desembarcadas no continente. Marinha e Exército também deveriam conjugar esforços para capturar a estratégica base naval inimiga de Porto Artur, localizada na península Liao Tung, importante ponto de apoio da esquadra russa. Todas as operações deveriam ser realizadas com grande rapidez, a fim de evitar que os russos reforçassem suas tropas do oriente com contingentes provenientes do leste europeu. Os japoneses consideravam que rápidas e esmagadoras vitórias sobre os russos levariam o czar à mesa de negociações. Nesse caso, o Japão contaria com forte poder de barganha.

Para pôr em prática seus planos, os japoneses possuíam um exército de aproximadamente trezentos e trinta mil soldados, bem equipados, treinados e armados. Muitos deles haviam participado da Guerra Sino-Japonesa, o que lhes dera experiência em combate e fortalecia sua confiança em novos sucessos militares. Os armamentos japoneses eram os mais modernos da época, destacando-se canhões, obuses, metralhadoras e fuzis de repetição. Além disso, os oficiais e soldados japoneses eram profundamente influenciados pelo Bushidô,³² o que fez com que lutassem fervorosamente e com muita bravura, quando as ações bélicas se iniciaram.

A Marinha Japonesa era menor do que a Russa. Em compensação possuía navios mais modernos e oficiais e marinheiros experimentados em combate. Outro importante aspecto favorecia a Marinha Japonesa: dispunha de um maior número de bases próximas aos locais onde seriam desencadeadas as operações.

Com suas forças armadas previamente preparadas, sem declarar guerra, os japoneses deram início às hostilidades. A primeira ação ocorreu em 8 de fevereiro de 1904, quando a Marinha Japonesa atacou de surpresa a frota russa ancorada em Porto Artur, passando, em seguida, a bloquear a base naval inimiga.

Para fazer frente à investida japonesa, os russos adotaram a seguinte linha de ação: suas forças armadas deveriam a todo custo manter Porto Artur; a frota do Báltico seria enviada para reforçar a do oriente, bloqueada em Porto Artur; e o exército deveria manter-se na defensiva, retardar o avanço japonês até receber reforços substanciais do leste europeu, e, depois, contra-atacar.

No início dos combates, havia cerca de cem mil soldados russos no oriente, comandados pelo General Alexei Kuropatkin. As tropas tinham treinamento, equipamentos e armamentos equivalentes aos dos japoneses. Da mesma forma que os japoneses, demonstraram muita bravura, tenacidade e resistência nos combates. Muitos oficiais

³² Código ético-filosófico inspirado no Budismo, Xintoísmo e Confucionismo, que preceitua, entre outros pontos, lealdade, fidelidade, autossacrifício, espírito marcial, honra e morte digna.

russos, no entanto, mostraram-se inaptos para o comando, fato que prejudicou o desencadeamento dos planos. Além disso, faltava unidade de comando às forças armadas russas, sendo constantes os atritos entre oficiais da marinha e do exército. Outro grande problema foi transportar suprimentos e reforços do leste europeu para os contingentes estacionados no Extremo-Oriente. Isso só poderia ser feito regularmente de maneira morosa, percorrendo-se os 9.300 quilômetros da ferrovia transiberiana (a um ritmo de trinta e cinco mil soldados por mês).

Ainda em fevereiro de 1904, após o ataque inicial a Porto Artur, aproveitando-se de sua superioridade numérica momentânea, forças japonesas comandadas pelo general Tamemoto Kuroki desembarcaram em Masampo e Inchon, na península da Coreia. Estes contingentes avançaram para o norte e, após derrotarem tropas russas na Batalha do Rio Yalu (início de maio), penetraram na Manchúria. A derrota no rio Yalu repercutiu muito mal na Rússia, onde a população esperava uma fácil vitória sobre os japoneses, tidos como inferiores.

Enquanto ocorriam os combates no rio Yalu, tropas japonesas, comandadas pelo general Yasukata Oku, foram desembarcadas sessenta quilômetros ao norte de Porto Artur, a fim de aumentar a pressão sobre as tropas que defendiam a base naval russa. Oku destacou parte de seu contingente para sitiá-lo Porto Artur e enviou o restante de seu efetivo para o norte, em direção à Manchúria.

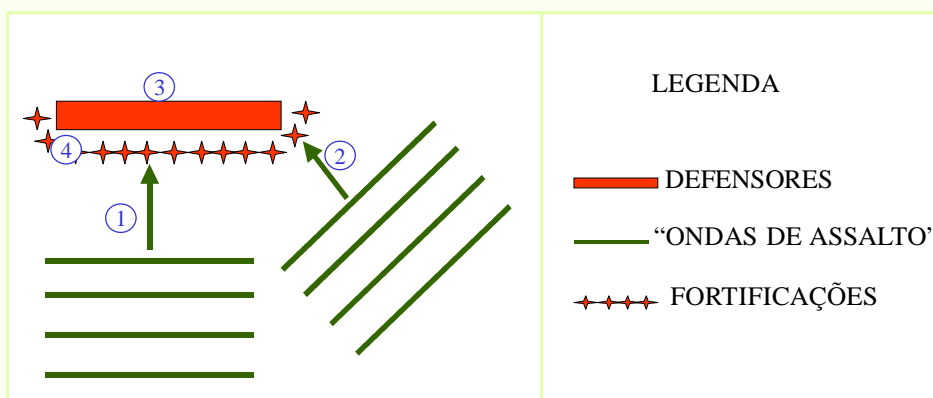
Em junho, as forças japonesas apertaram o cerco a Porto Artur. No dia 10 de agosto, os navios russos que se encontravam na base naval, após muitas hesitações de seus comandantes, que esperavam pela chegada da frota do Báltico, receberam ordem para retirar-se; o que foi feito com grandes perdas, em virtude dos ataques da Marinha Japonesa. Muitos navios russos, danificados, buscaram refúgio em portos neutros.

Enquanto ocorria o sítio a Porto Artur, o general russo Kuropatkin tentou evitar que as tropas de Oku se unissem às tropas de Kuroki na Manchúria. Ocorreu, então, em 03 de setembro, a Batalha de Liaoyang, na qual os russos, mesmo tendo causado severas perdas aos japoneses, tiveram que recuar para Mukden, seu principal centro de operações.

O início de 1905 foi trágico para os russos. Em 02 de janeiro, após inúmeros assaltos, que resultaram em grande quantidade de baixas para ambos os lados, os japoneses conquistaram Porto Artur. Pouco depois, em 10 de março, os japoneses, comandados pelo marechal Oyama Iwao, venceram novamente os russos na Batalha de Mukden, obrigando o inimigo a se retirar para o norte de forma desorganizada.

Enquanto os planos iniciais japoneses se concretizavam, os dos russos se esfacelavam. Porto Artur havia caído e as tropas russas que vinham reforçar as do oriente eram mal treinadas, pois o czar, temendo uma rebelião interna, deixou suas melhores unidades na Rússia.

FORMA USUAL DE COMBATE DOS BELIGERANTES



Os beligerantes procuravam realizar minuciosa preparação antes de seus ataques, normalmente fazendo largo uso dos fogos de artilharia. Em seguida, ainda com apoio da artilharia, eram lançados vigorosos e contínuos ataques frontais (1) e flanqueantes (2), até que a posição inimiga fosse conquistada. Quando na defensiva, as tropas entrincheiravam-se (3), dando ênfase aos trabalhos de fortificação do terreno (4).

Os comandantes acreditavam, de maneira geral, que as vitórias eram produto de posturas ofensivas e do moral elevado da tropa. Por isso, lançavam “ondas” de soldados sobre as posições inimigas. Cabia aos atacantes, sem levar em conta o número de suas baixas, avançar resolutamente sobre o adversário a fim de sobrepujá-lo.

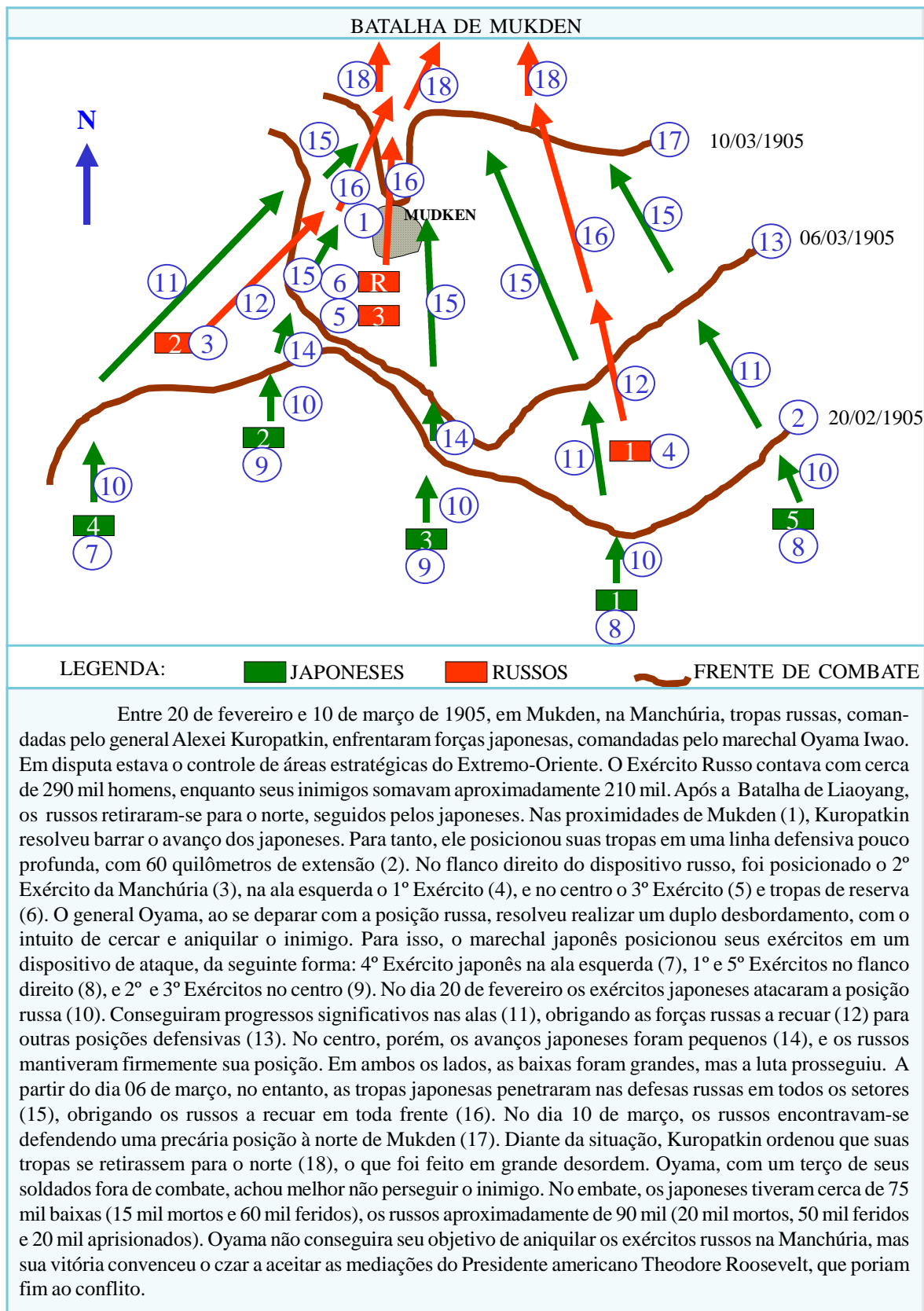
Tal processo de combate favorecia os defensores, que, de suas trincheiras, com canhões, metralhadoras e fuzis, causavam grande número de baixas às tropas atacantes, que avançavam em formações cerradas (para obterem o maior volume de fogo possível). Com o passar do tempo, para diminuir o número de baixas, os atacantes passaram a realizar ataques noturnos e a avançar por lanços (abrigavam-se no terreno quando eram alvos de fogos, voltando a progredir quando o perigo diminuía).

SOLDADOS RUSSOS

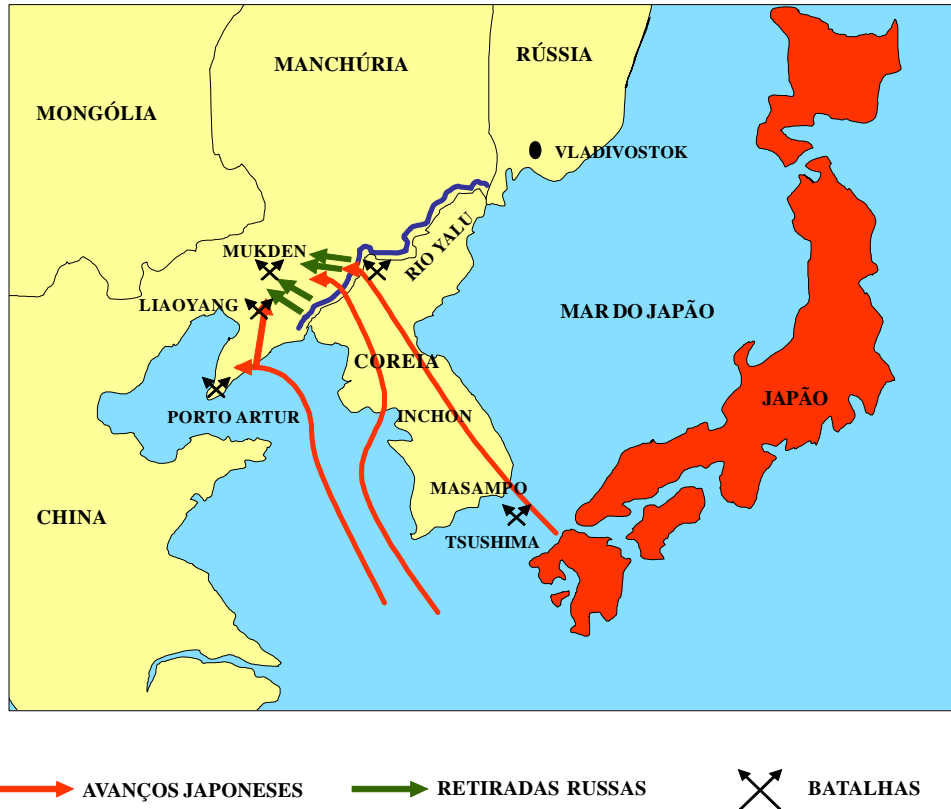


POSIÇÃO DEFENSIVA JAPONESA





GUERRA RUSSO-JAPONESA



Paradoxalmente, outro problema surgiu com o aumento dos efetivos russos no teatro de operações, pois, pela ferrovia Transiberiana, não podia ser transportada a quantidade de suprimentos necessária para abastecer os soldados satisfatoriamente. Para complicar ainda mais, no final de maio, após percorrer milhares de quilômetros, a frota principal russa que saía do mar Báltico foi derrotada pela Marinha Japonesa na Batalha de Tsushima.

Após derrotas em terra e mar, o czar, temendo pelo agravamento de convulsões que ocorriam em seu império, aceitou entrar em conversações com os japoneses. Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos, mediou o encontro, que culminou com o Tratado de Portsmouth (06 de setembro de 1905). Pelo acordo, o Japão se apossou da ilha Sacalina e Porto Artur; os russos se retiraram da Manchúria, e a Coreia foi reconhecida como área de influência japonesa.

A Guerra Russo-Japonesa custou aos japoneses aproximadamente quarenta mil vidas e aos russos, cinquenta mil. O conflito também testemunhou o uso de novos meios de combate, como o telefone de campanha, minas e obuses de grosso calibre e longo alcance.

Por ter vencido a Rússia, o Japão tornou-se um país respeitado, capaz de mais tarde, na II Guerra Mundial, medir forças com os Estados Unidos pelo controle do Oceano Pacífico. O Império Russo, derrotado, entrou em uma crítica fase decadente, sendo derrubado, em 1917, por revolucionários. Os processos de combate empregados na Guerra Russo-Japonesa, vistos como adequados por observadores ocidentais, seriam de maneira semelhante empregados na I Guerra Mundial, que se aproximava.